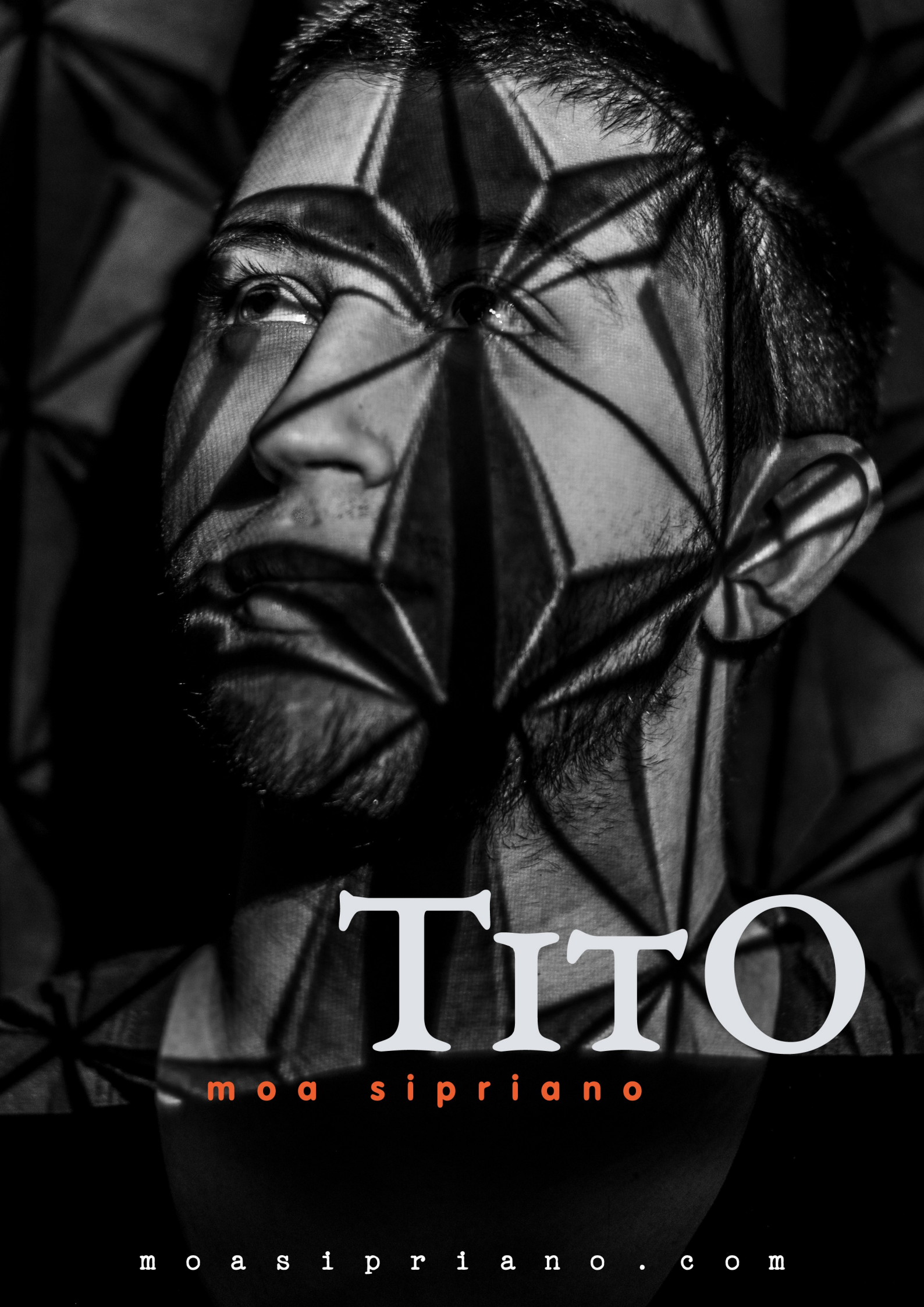




Tito

m o a s i p r i a n o

m o a s i p r i a n o . c o m

TITO

Moa Sipriano

Meu nome é Raimundo.

Sou um pernambucano simples, matuto e honesto.

Vivo da terra e do que ela pode me oferecer, com a ajuda do Pai e a força dos meus braços e mãos calejadas na brutalidade do manejo de uma enxada. Moro no sertão de Jesus-me-abane, numa comunidade esquecida, pra lá de deus-me-livre.

Dora, minha eterna Dorinha, partiu para o andar que há lá no alto, logo atrás da terceira montanha. Ela foi vítima de uma infecção que invadiu sem piedade as suas partes baixas, onze meses depois de dar a luz ao nosso único sucesso.

Sozinho e despreparado, foi uma luta infernal criar Tito nos primeiros anos.

Porém, elevo as mãos aos céus, pois o Pai jamais me desamparou.

Todo suor derramado, além das lágrimas da solidão pela falta da minha Dorinha, foi recompensado com o maior presente que Ele poderia me dar: um filho saudável, inteligente, estudioso e bonito, muito bonito.

Recordo as infinitas dificuldades que Tito passou durante a infância, tendo que caminhar quilômetros debaixo de sol forte, tudo pela dedicação solitária aos estudos. Derramo uma lágrima avinagrada ao relembrar nosso tenebroso passado em gastas Havaianas.

Recordo que em muitos verões (verões?) tínhamos somente um resto de feijão e alguns sacos de farinha de milho – doados por missionários evangélicos que se aventuravam por essas bandas – para saciar nossa fome e sustentar nossos corpos cadavéricos.

Oh, mais uma gota.

Deixemos isso de lado.

O que eu preciso desabafar com você tem a ver com o meu filho Tito.

Afora todas as chagas impostas pelo Destino, meu filho sempre foi um garoto feliz, onde mantinha um sorriso inspirador no rosto em qualquer situação, em qualquer lugar, na presença de qualquer pessoa.

Reparei que na sua adolescência, quando ele saía de casa para se encontrar com os amiguinhos na praça e logo em seguida ir aos bailes de forró que sacudiam todas as nossas noites de sábado, dificilmente uma fêmea o acompanhava.

Notei que muitas vezes meu menino vinha para casa na companhia de rapazes um pouco mais velhos, geralmente montados naquelas Hondas em petição de miséria; uma “febre” entre os mais abastados (abastados?) da comunidade.

Como todo mundo conhecia todo mundo, jamais desconfiei que meu Tito fosse “diferente” dos demais e que suas companhias masculinas camuflavam mais do que uma simples carona embebida em amizade juvenil.

Tudo passou a alçar sentido quando numa noite árdua, ao voltar da lida um pouco mais tarde do que o usual, eu encontrei meu menino com os olhos inchados, vinhos, lacrimejantes, acorado num canto do seu quartinho, segurando uma amassada folha de papel de embrulhar pão.

Jamais houve segredos entre nós. Nossas realidades eram reveladas no tempo certo. Dependíamos de nós mesmos para superar as vicissitudes da atual existência.

Havia muito mais do que os laços de sangue que nos unia. Sentíamos que éramos, acima de qualquer coisa, almas realmente companheiras.

E na minha terra, para um pai ser verdadeiramente amigo do seu filho...

No que se refere ao lado “bicha” de Tito, quero acreditar que jamais havíamos tocado no assunto por uma simples questão de falta de diálogo profundo sobre o tema. Culpados, acredito que fugíamos um do outro, tentando de todas as maneiras ignorarmos nossas verdades.

Oh, perdoe-me se pareço confuso em meu desabafo.

Engolindo a incompreensão dos fatos, ajoelhei-me diante de Tito e peguei com a máxima delicadeza que me era cabível o tal pedaço de papel que jazia em suas mãos refrigeradas.

Li a carta. Era uma esfarrapada desculpa de despedida, escrita em linhas tortas por um covarde que teve a coragem de descartar meu filho, sem motivo concreto, numa atitude infeliz.

Mesmo abobado em ter que aceitar, daquela maneira, que meu filho era realmente diferente dos outros homens que eu conhecia, por uma bênção do Espírito Santo eu só careci de alguns minutos para chutar o preconceito para bem longe e assumir minha posição de pai protetor, transmitindo-lhe o apoio reconfortante através de um receptivo abraço na razão da minha caminhada.

Agarrados no Amor e abençoados pela Compreensão, permanecemos em silêncio por tempo não determinado.

Quando meu filho se sentiu confiante e encontrou forças para desabafar, desandou a relatar tudo o que havia acontecido com ele e seu último amante.

Senti pena ao descobrir que meu Tito costumava se entregar todo cego aos homens que lhe acenavam com promessas de amor eterno, quando na verdade o que mais queriam era degustar aquela carne agora farta e macia e depois descartá-lo feito um vagabundo na madrugada, exatamente como faziam com as mulheres de vida fácil (vida fácil?) da Rua Azul, o ponto de putaria mais famoso da nossa região, conhecido até no país do Bush.

A Revolta martelava meu peito.

Enquanto meu filho chorava e vomitava suas desventuras, eu acabei reconhecendo alguns dos impuros que haviam se deitado com ele desde os seus catorze anos de idade. Aquele da padaria, que foi o primeiro. Depois veio o cantador, em seguida foi a vez do vereador evangélico e por último, o cafajeste do frentista, que comeu Tito em surdina durante quase cinco anos, mesmo meu filho – infelizmente, todo submisso – sabendo que o canalha era casado, sem vergonhas, pai de famílias.

Promessas infundadas de amores não concretizados. A honesta ingenuidade do meu filho feria minha alma atribulada.

Enquanto ele escarrava seus casos assim, na lata, diante do seu velho abismado, minha cabeça rodava em prismas para lugar algum e um peso torturante forçava meu pescoço enrugado a dobrar meus preconceitos para frente e para os lados.

Desnortado. Tudo aconteceu rápido demais!

* * *

Levei uma semana para compreender o que havia se passado naquele fogo e enxofre. Foram noites sem dormir, matutando, queimando o resto do meu cérebro sadio, tentando encontrar a solução mágica para contornar uma situação inusitada, sem paralelo, totalmente fora da minha realidade, dos meus limites enquanto pai, enquanto homem, enquanto ser humano.

Ah, minha Dorinha. Como você me faz falta!

Tito jamais demonstrara que gostava de *queimar a rosca*. Não interprete como preconceituosa esta minha colocação, mas era assim que eu pensava naqueles dias de confusão mental e corações dilacerados.

Quantas horas eu não perdi, rezando para que o Pai me desse uma luz, me indicasse um caminho. Mas Ele certamente gozava as férias de dezembro nas *Európas*, esquecendo por completo do seu fiel calango nordestino.

* * *

Meu filho era um garoto comum e corrente. Um moreno clarinho de profundos olhos verdes não camuflados, dono de um corpo sem excessos, onde um sorriso de dentes perfeitos – o maior patrimônio físico de um ser humano – emoldurava seu rosto redondo, coberto por uma pele divina, daquelas que muitas mulheres se matariam para conquistar, nem que fosse durante um único verão.

O possível traço de “viado” que eu às vezes notava em meu rebento era que ele adorava dançar uns remelexos estranhos, geralmente passos que ele via à exaustão

em nosso velho videocassete, de uma louca platinada, cheia de crucifixos e pouca roupa, embrenhada no meio de rapazes bem moldados, todos esbanjando saúde, sensualidade punitiva e vitalidade transcendental.

Madonna. É isso. É essa a maluca que desvirtuou meu filho!

Quantas e quantas vezes eu não o pegava dançando e rebolando junto com a Maria e a Madalena, nossas vizinhas, onde o trio cantava num inglês que não era inglês e pulava, ensandecido, diante das performances muito bem produzidas daquela artista estrangeira!

José, o pai das amigas do meu filho, um dia me disse que “homem que gostava da Madonna era viado”. Ameacei triturá-lo com minha foice afiada e o assunto nunca mais veio à tona.

* * *

Após aquele vácuo onde eu havia socorrido meu filho, tentando libertá-lo da dor de uma separação (o frentista maldito tinha se mudado com mulher e filhos para Garanhuns), não tocamos mais no assunto e tudo aparentemente voltou à enfadonha rotina de sempre.

Alguns meses depois, me ausentei numa tarde de um domingo tedioso. Tito estava na companhia de suas amigas, estudando feito louco para um concurso que fora promovido pela Prefeitura.

Passei a tarde toda na companhia de parceiros da roça, no bar dos irmãos Antunes, bebendo cachaça, beliscando carnes chamuscadas e comemorando a safrinha que – finalmente, oh Pai! – tinha sido boa após milênios de prejuízo e trabalho em vão.

Ao voltar para o meu casebre, quando a lua cheia já se encontrava no centro do firmamento, ouvi murmúrios e sons de movimentos ritmados vindos de um matagal que ficava bem atrás da minha humilde propriedade.

O som da brutalidade de um tapa e uma espécie de socorro abafado do que julguei ser uma vítima de estupro ferveu o meu sangue, eliminando todo álcool. Cabra que tenta violentar uma mulher aqui onde eu moro é punido com a morte, pode apostar!

Mesmo trançando as pernas, entrei de supetão no vão do mato espesso. Com a faca em punho, eu já ia partindo para a ignorância diante daquele que eu imaginava ser um tremendo marginal, safado, sem-vergonha.

A luz azul alumiaava parcamente a clareira recém-descoberta, revelando-me uma cena jamais sequer imaginada: meu Tito, amarrado e amordaçado, era currado por um monstro!

Comer meu filho por prazer eu até podia tentar aceitar, mas usar de violência com meu menino era demais pra mim-eu-mesmo!

Bastou um único movimento certo para que minha inseparável companheira fizesse um rasgo nas ancas do maluco. Uma segunda maravilhosa talha no antebraço fez com que o animal finalmente urrasse de dor, cambaleando em disparada mato adentro, rodopiando sobre suas pernas sem ossos, emaranhado na bermuda baixa e cueca suja de sangue, mijo e merda.

Entre choros e revoltas, apanhei meu filho nos braços, como se conforta um animal ferido, assustado, isento de esperanças. Juntei, contrariado, suas poucas roupas e o levei para casa, ambos encobertos pelo sepulcro de uma noite abafada, lacrimosa, oca.

Eu não formulei perguntas e não esperei respostas sobre o que havia ocorrido.

No dia seguinte, antes de ir para a lida, acordei Tito por volta das cinco da manhã. Mesmo em ressacas, segurei firmemente seus braços e lhe esporei uma única pergunta com uma violência que não era minha:

“Você precisa de um macho para se sentir feliz e completo, é isso?”, eu quase gritei, decidido, num tom de voz que misturava a compaixão com uma raiva incontida.

Meu filho, enleado, desenhou um meio “sim” com a cabeça.

Meu presente de aniversário dezenove foi cobrir aquele trêmulo corpinho quinze eterno com meus braços gigantesco. Instintivamente, meus lábios procuraram os dele e meu bigode sentiu o ar primaveril que exalava daquelas narinas miúdas, onde nossas bocas foram ungidas num contato transgressor que selava de vez o nosso amor único, talvez não compreendido.

Minha razão foi abandonada na cozinha. Naquele quarto, naquela hora, eu queria beijar meu filho e com o bailar dos meus lábios inexperientes proteger-lhe da maldade do mundo dos homens; de todas as bengas que haviam perfurado seu corpo e destruído o que havia de belo em seu coração.

Daquele segundo em diante, eu seria o seu homem, seu pai, seu protetor e seu marido. Meu filho, iluminado pelo Não Previsto, após toda confusão ter se dissipado em sua mente abalada, conduziu nosso ato de amor com maestria. Em minutos abençoados eu estava sentindo meu sexo sagrado vivo, novamente!

Desde a morte da minha Dorinha, eu jamais havia tocado outro corpo sequer. Nem punheta eu praticava, com medo de ser mandando direto para o último calabouço do Inferno.

Sei que muitos não acreditam que um homem seja capaz de viver sem o sexo. Mas eu havia renascido. Eu estava invadindo os mistérios da minha própria carne.

Eu chorava. Prantos doloridos e glorificados. As lágrimas encharcavam meu rosto navalhado pelo Sofrimento, correndo soltas por todos os sulcos da minha carcaça enrugada. Eu roçava os vãos das coxas do meu filho, meu *próprio* filho, e um misto de amor, de prazer incubado, de pavor e alegrias inenarráveis invadiam minha alma em júbilo ascendente. Eu não estava fazendo sexo com meu rebento, entenda isso. Eu estava completando o Amor!

Mesmo respeitando o rego abatido, entre as coxas da minha cria eu gozei como jamais havia gozado na vida!

Saturados em suor e receios e glórias, trocamos milhares de beijos apaixonados e acabei dormindo sobre o corpo que agora seria só meu, cuidado por mim, amado pela pureza do meu ser até o último suspiro da minha existência.

Pela segunda vez na vida (a primeira foi quando Tito nasceu), esqueci-me da lida do dia e Tito também não saiu para os seus estudos de canto naquela manhã.

Permanecemos apegados na cama por longas horas na casa toda lacrada. O calor beirando o insuportável em nada abalou nosso apetite em nos fundirmos num só corpo, numa só carne, abençoados pelo Pai que jamais julga corações afins.

Apalermados diante do que pensávamos ser o Pecado, descobríamos na troca de carícias que o pecado, na verdade, não existe.

O que enfrentávamos era a descoberta da nona vertente do Amor, o mais puro amor, do jeito que o amor – para nós – devia ser.

* * *

Havia uma banheira onde Dora costumava relaxar no passado bem distante. Eu e meu filho a limpamos e enchemos seu interior vítreo com um pouco de água. Era um luxo que nós merecíamos usufruir. E, mais uma vez, fizemos amor entre olhares e sorrisos no meio das ondas da nossa paixão recém-batizada.

Meu filho ensinou-me a arte da felação. Jogados no chão da sala, com os espíritos ainda ensopados, eu descobria o sabor do sexo do meu filho, enquanto ele degustava a carne meio século do seu pai tão amado. Gozamos juntos e sorvemos juntos, pela primeira de muitas e muitas vezes futuras, a nossa própria essência abençoada pela Providência.

* * *

Hoje, eu completo 58 anos. Sou marido do meu filho há exatamente oito anos. Ainda vivemos aqui na terra escaldante pra lá de deus-nos-acuda.

Tito trabalha na biblioteca municipal. Eu continuo cuidando da minha pequena plantação de qualquer coisa capaz de florescer nesse solo árido.

O nosso amor segue intacto, inabalável. Um amor que transcende (transcende?) os frígidos anseios da carne.

No meu filho eu encontrei a paz de espírito.

Num ritual íntimo, fundimos nossos corpos na antiga e gasta poltrona atapetada por um tecido europeu, móvel sagrado que minha Dorinha tanto amava, descarte de uma antiga patroa. Aconchegado no meu colo, com a cabeça repousada sobre meu peito, madrugada após madrugada, Tito encontrou seu porto mais do que seguro.

Tudo o que precisamos na vida é da simples companhia um do outro.

Somos muito felizes. Somos plenamente realizados.

Já não desejamos ou exigimos mais nada do Senhor, a não ser o prazer do toque das nossas mãos em nossos esqueletos amarronzados, da fusão dos nossos lábios formando o emblema da nossa união eterna, e dos nossos sexos disputando espaço em todos os nossos orifícios embebidos no inefável, onde incorporamos nossas almas naquilo que para nós é mais sagrado: a amplitude dum amor talvez não compreendido, porém completo entre um pai e um filho, machos nunca mais solitários.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**